

## CONFIANÇA NAS VACINAS E MOTIVOS DE HESITAÇÃO VACINAL DE GESTANTES ATENDIDAS PELO SUS EM UM MUNICÍPIO DO RIO GRANDE DO SUL<sup>1</sup>

Ana Lúcia Toebe<sup>2</sup>, Sabrina Kunz Müller<sup>3</sup>, Janaina Coser<sup>4</sup>, Mariana Migliorini Parisi<sup>5</sup>

<sup>1</sup> Pesquisa Institucional desenvolvida no Grupo de Pesquisa em Atenção Integral a Saúde, Curso de Biomedicina da Universidade de Cruz Alta

<sup>2</sup> Aluna do curso de Biomedicina da Unicruz, bolsista PIBEX/Unicruz, analidiatoebe@outlook.com.br, Cruz Alta/ RS/ Brasil

<sup>3</sup> Biomédica, membro do Grupo de Pesquisa em Atenção Integral a Saúde, Unicruz, sabrina.km@hotmail.com, Cruz Alta/ RS/ Brasil

<sup>4</sup> Professora colaboradora, Doutora em Biologia Molecular Aplicada a Saúde, Curso de Biomedicina e Mestrado em Atenção Integral a Saúde (Unicruz), coser@unicruz.edu.br, Cruz Alta/ RS/ Brasil

<sup>5</sup> Professora Orientadora, Doutora em Ciências Biológicas (Bioquímica), Curso de Biomedicina e Mestrado em Atenção Integral a Saúde (Unicruz), mparisi@unicruz.edu.br, Cruz Alta/ RS/ Brasil

**Introdução:** A imunização através da vacinação é uma das mais importantes ferramentas de saúde pública utilizada para fins de prevenir a disseminação de doenças infectocontagiosas. Contudo, mesmo tendo sido comprovado cientificamente a sua eficácia nas últimas décadas, os índices de hesitação vacinal têm aumentado consideravelmente, seguido da perda de confiança nas vacinas, parâmetros que vem sendo associados ao ressurgimento de doenças que podem ser evitadas através de vacinação. O processo de hesitação vacinal se caracteriza pela recusa ou atraso no cumprimento das vacinas disponibilizadas pelo serviço de saúde e decorre de fatores que incluem religião, crenças, medo das possíveis reações adversas, falta de conhecimento e/ou esquecimento. É durante a infância e adolescência que são realizadas a maioria das vacinas, sendo que nesse período o cumprimento do calendário vacinal é de responsabilidade dos pais ou responsáveis, que por vezes optam por não vacinar os filhos ou não respeitar o programa de imunização. Nesse contexto, é importante compreender as crenças e atitudes que os pais e responsáveis tem em relação a vacinação, afim de estabelecer medidas que visem incentivar a imunização como recurso para prevenção de doenças transmissíveis. A decisão de vacinar ou não os filhos parece ter início já no período pré-natal, desse modo, o período pré-natal e após o parto são decisivos para a adoção de medidas que levem a aceitação vacinal pelos pais. À vista disso, o objetivo do presente estudo foi avaliar a confiança nas vacinas e hesitação vacinal em gestantes atendidas no Sistema Único de Saúde em um município de médio porte do Noroeste do Rio Grande do Sul. **Métodos:** Foi realizado um estudo observacional analítico transversal com gestantes, maiores de

18 anos, em qualquer trimestre gestacional que estivesse em acompanhamento pré-natal entre dezembro de 2019 e março de 2020 atendidas pelo SUS. Foi aplicado um questionário dividido em duas etapas, sendo que a primeira contemplava dados sociodemográficos, clínicos, conhecimento sobre vacinas e intenção ou não de vacinar os filhos e a segunda etapa compreendeu questões pertinentes ao “Instrumento para estudar a hesitação a vacinação infantil aplicado a pais ou cuidadores, em escala Likert de 5 pontos, desenvolvido pelo *Strategic Advisory Group of Experts Working Group on Vaccine Hesitancy* (SAGE-WG). O trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) sob parecer nº 3.710.653. As participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e tiveram suas identidades resguardadas. **Resultados:** O trabalho incluiu no total, 114 gestantes, sendo que a maioria tinha até 30 anos de idade, 9 a 12 anos de estudo, com renda mensal de 1 a 3 salários mínimos e no terceiro trimestre gestacional. 38 delas apresentaram comportamento de hesitação vacinal, no entanto, somente 1 afirmou não ter intenção de vacinar seu filho, por medo das reações adversas. 12 (10,6%) discordam que vacinar os seus filhos protege também outras crianças. 23 (20,4%) não concordam que todas as vacinas fornecidas pelo governo são benéficas e 18 (16%) discordam que confiam nas informações que recebem dos programas de imunização. Nenhuma gestante discordou sobre seguir as orientações de vacinação que os profissionais da saúde que atendem seus filhos recomendam. 86 (75,4%) se preocupam com as reações graves das vacinas e 98 (85,9%) discordam que seus filhos não precisam de vacinas para proteger contra doenças que não são mais comuns atualmente. Foi avaliado ainda a influência da idade, escolaridade e renda mensal sobre os conhecimentos e percepções relacionados a vacinação. Gestantes >30 anos buscam mais informações sobre vacinas com profissionais da saúde (82%) do que aquelas com até 30 anos (17,6%). Gestantes que recebem mais de 3 salários mínimos buscam mais informações sobre vacinas na internet (88,8%) em relação as que recebem de 1 a 3 salários mínimos (42,1%) e as que recebem até 1 salário mínimo (11,1%). Gestantes com >12 anos de estudo buscam mais informações na internet (60%) do que as com 9 a 12 anos de estudo (35,9%) e aquelas com até 8 anos de estudo (9,6%). Gestantes com até 8 anos de estudo relatam com maior frequência não terem interesse em se informar sobre as vacinas (16,1%), em relação as gestantes com 9 a 12 anos de estudo (3,1%) e com aquelas com >12 anos de estudo (0%). Ainda, foi constatado que 10,6% das gestantes demonstraram não conhecer o conceito de imunização de rebanho, pois não concordam que vacinar o seu filho é importante para proteger também outras crianças. A hesitação vacinal pode impactar diretamente na imunização de rebanho, deixando os níveis de cobertura vacinal abaixo do

necessário para impedir a propagação de determinadas doenças. Os dados obtidos neste trabalho devem ser interpretados levando em consideração que os resultados obtidos não podem ser generalizados para outras populações, como as de alta renda que não fazem seus acompanhamentos pré-natal pelo Sistema Único de Saúde, ou para outras regiões do Brasil. **Conclusão:** Apesar da taxa de pretensão vacinal por parte das gestantes ser alta, foi demonstrado um índice considerável de hesitação vacinal. Além disso, documentamos uma relação significativa entre o conhecimento e as percepções sobre vacinas e a hesitação vacinal na população estudada, o que fornece subsídios que reforçam a necessidade do desenvolvimento de estratégias de políticas públicas e de profissionais de saúde para aumentar a confiança nas vacinas ainda no período pré-natal, e assim possibilitar maiores taxas de cobertura vacinal.

**Palavras-chave:** Crianças; Responsabilidade; Prevenção; Imunização;